

Pacotão do Carnaval irreverente

Tudo começou numa descontraída conversa de bar entre jornalistas. A ideia era formar um bloco para criticar os fatos e personagens políticos. Deu certo. O Pacotão, embora tenha perdido um pouco de sua originalidade, continua mantendo seu Carnaval irreverente. Ainda hoje percorre o mesmo trajeto: todos os anos, durante o reinado de Momo, seus seguidores saem daquela comercial, seguem na contramão pela W3 Sul e tem como ponto final a 402/403 Sul.

Durante muito tempo, o Pacotão teve como ponto de partida o Chorão, o conhecido bar da 302/0303 Norte, onde se reuniam jornalistas e intelectuais. "O bar era do Artur, um jornalista com quem trabalhei no Correio da Manhã, no Rio de Janeiro. A gente sempre se reunia ali para conversar e comer frutos do mar e, por isso, decidimos que o Pacotão iria sair do Chorão", justifica o jornalista Cláudio Liseas, um dos fundadores do bloco.

Há alguns anos, o Chorão saiu de cena e entrou o Calypso, um bar restaurante que continua conservando algumas características que marcaram aquele lugar. Ainda hoje, os frequentadores podem se deliciar com frutos do mar e o Pacotão continua tendo sua referência. "Não quero desmanchar essa tradição", avisa Ricardo Cavalcanti Cysne, 42 anos, atual dono do Calypso.

Nas paredes do bar, recortes de jornais mostram um pouco da irre-



Há 21 anos o bloco conta debochadamente a história brasileira

verência do bloco. Cláudio Liseas está em uma das fotografias fixadas naquele cantinho. Sentado numa mesa de bar no Clube da Imprensa, Liseas e os jornalistas Moacir de Oliveira, o Moa, Carlão, Fernando Lemos e outros, decidiram num dia de 1978 criar o Pacotão. "Pensamos, à época, em fazer um Carnaval com a cara de Brasília, ressaltando o enfoque político", conta.

O nome do bloco, explica ele, foi uma alusão ao pacote econômico de abril daquele ano. No mesmo dia em que criaram o Pacotão, os jornalistas delegaram a Charles Preto o cargo de presidente vitalício do bloco. Preto é uma figura mitológica, discreta, que não gosta de aparecer muito em público. Mas todos os anos ele é lembrado quando o bloco pede passagem pelas avenidas da cidade.

O fato de o bloco seguir pela contramão pela W3 não é mera coincidência. A velha guarda costuma explicar que o trajeto faz parte da desorganização total do Pacotão. Durante os seus 21 anos de existência, o bloco foi desmotivando parte de seus fundadores. Liseas, por exemplo, há quatro anos abandonou o grupo. "Talvez o bloco só tenha funcionado bem na Ditadura", assinala.

Mesmo sem alguns de seus seguidores, o Pacotão continua arrastando uma pequena multidão pela rua. Tenta manter a tradição, levando pelas avenidas da capital a crítica deslavada contra políticos e fatos que marcam a política nacional. Querem conservar a tradição e sustentar a chama acesa, embora tenham a consciência que um dia o bloco já foi mais reluzente. (M.D.)